

TÍTULO DO TRABALHO			
IDEOLOGIA E HISTORICIDADE: Alguns apontamentos acerca da atualidade do conceito			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Hellington Chianca Couto	Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ/ PPGSS/	Doutorando
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>Por se tratar de um fenômeno humano, portanto histórico, a <i>ideologia</i>, deve ser sempre repensada a partir da relação complexa entre estrutura social – cuja base é o desenvolvimento das forças produtivas – e as formas de espelhamento, a partir das quais homens e mulheres dão respostas a uma realidade cujo conteúdo prático se encontra invertido, sob o imperativo da <i>alienação</i>. As ideologias, contudo, vão além da mera expressão ideal de uma realidade concreta, mas além desta natureza universal das mediações ideológicas, podemos afirmar, com base em Lukács, que um conjunto de ideias é ideologia enquanto há uma função social que obedece ao imperativo da dominação. Entretanto, segundo Mészáros, há outra forma de mediação entre as inversões teóricas e as ideologias: as <i>inversões práticas</i>. Neste sentido, a ideia de “falsa consciência” não dá conta da natureza histórica destas. Assim, optamos, contra interpretações estranhas ao método marxiano-engelsiano, pelo conceito de consciência invertida.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
<i>Ideologia; consciência invertida; historicidade</i>			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>Ideology is a human phenomenon, therefore historic, so it must be always thought as complex relation between the social structure-, which the basis is the development of the productive forces - and the forms of reflex, which men and women find answers to a reality that the content find itself reversed under the imperative of alienation. Although, ideologies are over a mere ideal expression of a concrete reality. Nevertheless, beyond this universal nature of ideological mediations, we can assert, based on Lukács that amount of ideas is ideology while there is a social function that obeys to the imperative of domination. However, according to Mészáros there is another way of mediation between the theoretical inversions and the ideological ones: the practical inversions. As a result, the idea of a “false consciousness” does not englobe their historical character. Hence, we opt, against strange interpretations to the Marx-Engels method for the concept of inversed consciousness.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Ideology; inversed consciousness; historicity			
EIXO TEMÁTICO			
Ideologias e disputa de hegemonia na luta pela emancipação humana			

IDEOLOGIA E HISTORICIDADE

Alguns apontamentos acerca da atualidade do conceito

1- INTRODUÇÃO

O artigo a seguir propõe uma reflexão acerca das legalidades da relação entre as formas superestruturais, nas quais se encontram as ideologias, e as determinações histórico-estruturais do modo de produção capitalista. Partimos da hipótese de que a ideologia varia não apenas em sua lógica interna e o seu poder de convicção e mobilização de “corações em mentes”, como grosso modo podemos caracterizar algumas leituras sobre o tema, para além da vulgata positivista baseada na lógica da “ilusão dos sentidos”, como também sua variante (gnosiológica) mais sofisticada representada pelo estruturalismo marxista de Althusser e Polantzas.

É importante afirmar que este artigo tem como objetivo central problematizar e não apenas polemizar com outras concepções acerca deste conceito. Partimos da pressuposição metodológica de que a ideologia é um conceito histórico, diversificado, com particularidades imanentes, mas sempre referenciado em sua base concreta, da qual é expressão ideativa com leques variados de expressões comportamentais. As ideologias, contudo vão além da mera expressão ideal de uma realidade concreta, mas além desta natureza universal das ideologias, podemos afirmar, com base em Lukács que um conjunto de ideias é ideologia enquanto há uma função social que obedece ao imperativo da dominação, mediado por justificativas que não devem ser confundidas com o seu conteúdo lógico-imanente – e neste ponto a psicanálise nos auxilia a compreender –, posto que os significantes (palavras e outros signos) devem ser percebidos como formas sintomáticas às vezes contraditórias quando em seu aspecto pessoal subjetivo.

Importa também, além do caráter polêmico não polemicista, afirmar que este não é um texto arbitrário, nem se pretende reformulador de toda uma teoria acerca da ideologia. Esse é resultado de uma tentativa de aprofundamento daquilo que vinha desenvolvendo em minha dissertação de mestrado, da qual posso citar um pequeno trecho explicativo.

“Este trabalho tem por objetivo estudar a atualidade do conceito de ideologia¹ e para isso faz-se necessário tratar rigorosamente as categorias marxianas e

¹ Em meu trabalho de conclusão de curso de mestrado pela Escola de Serviço Social, por uma rica influência de Mauro Iasi, dialoguei com duas leituras imensamente reveladoras do conceito de ideologia: a ideologia no sentido positivo e a ideologia em sentido negativo. De acordo com Iasi, na história do marxismo há um sentido negativo e um sentido positivo, mas na obra de Marx o primeiro prevalece.

desenvolver, a partir de seu método, um estudo introdutório sobre as formas, historicamente determinadas, tais como a ideologia opera hoje.” (COUTO, 2011, p. 6)

Para além dessa primeira aproximação, defenderemos a hipótese de que a ideologia é um fenômeno histórico e vem complexificando e diferenciando-se em alguns aspectos – com o processo crescente da alienação e da reificação das relações humanas – cujos elementos centrais seriam: a) sua função social; b) sua penetrabilidade nas mais variadas camadas sociais; c) sua organicidade perante a realização do valor d) sua organicidade perante a fusão/dissolução da consciência da classe social do proletariado. Para isso, fez-se necessário enveredarmos no caminho traçado por Marx, em sua *Contribuição à crítica da economia política* e desenvolvido em *O capital*, lançando mão da investigação já feita por mim dos escritos do jovem Marx, desde a *Crítica da filosofia do direito de Hegel* até seu magistral *Ideologia alemã*, escrita a quatro mãos com Engels, com a finalidade de compreender o conceito a partir da teoria marxiana da alienação².

2- TEORIA DA ALIENAÇÃO EM MARX E O CARÁTER HISTÓRICO DAS IDEOLOGIAS

Talvez o conceito mais desconhecido e vulgarmente deturpado de Marx, diferentemente do conceito de ideologia, que por sua vez, possui uma quase infundável polissemia, seja o de *alienação*. É muito comum se pensar a alienação como uma forma fenomênica ou uma ideia distorcida ou algum tipo de subjetividade desconhecida do que se passa no mundo. Segundo Lessa, Lukács demonstra que:

(...) acerca da relação entre fenômeno e essência na esfera econômica. Inicia ele lembrando que ‘todo objeto é por sua essência um complexo processual’; contudo, frequentemente ‘no mundo fenomênico’ ele se apresenta como ‘um objeto estático, solidamente definitivo’. Quando isso ocorre, ‘o fenômeno /.../ se torna fenômeno exatamente fazendo desaparecer, na imediatez, o processo ao qual deve a sua existência de fenômeno. E é de enorme

² O estudo que precede este artigo e do qual este é um desenvolvimento crítico está sintetizado neste trecho: “Para tal empreitada teórico-investigativa será necessário um rigoroso trajeto que vai desde a *teoria da alienação* em Marx e *reificação* no chamado marxismo ocidental, no qual George Lukács ocupa posto principal; até toda a discussão traçada por Gramsci e uma importante tradição marxista-gramsciana, que se propõe a discutir a questão da hegemonia; passando pela discussão acerca do conceito talvez mais polêmico, vulgarizado, mistificado, fetichizado e confuso do pensamento dos últimos um século e meio: a *ideologia*”.

importância social esse modo de se apresentar da essência [...] pois, entre outras coisas, está na raiz das alienações contemporâneas. (LESSA, 2011, p.2)

Portanto, alienação não é o resultado de um desconhecimento sobre si ou sobre os fenômenos, alienação é o fenômeno histórico que produz um estranhamento, que aos indivíduos aparece como a própria incompreensão, produzindo através de muitas mediações, dentre elas as ideológicas, o fetiche da ciência magna. Não podemos compreender a alienação como parte das formas fenomênicas, como é muito comum, mas pelo contrário, alienação é o chão no qual se baseiam todas as formas fenomênicas, todas as inversões. Como sintetiza Mauro Iasi:

A consciência só pode ser a expressão ideal dos seres humanos e suas relações, mas na ideologia eles aparecem invertidos e esta inversão, dado o pressuposto acima anunciado, só pode expressar uma inversão no campo da vida real e das relações que a constituem e não um desvio cognitivo, uma “oclusão semiótica” (IASI, 2009b, p. 1)

A historiografia não dá conta da gênese, pois sequer estão catalogadas a maioria das sociedades onde a alienação é um elemento basilar, mas no caso da ideologia, as formas cristalizadas podem ser reconstituídas com alguma precisão e sejam formas fantasmagóricas do presente, sejam formas pretéritas de dominação ideológica revelam as relações de trabalho e de poder de uma dada ordem socioeconômica. A continuidade da alienação é crescente e galopante e a continuidade da ideologia é uma pseudocontinuidade, cuja base é o trabalho alienado e a inter-relação entre esferas ou complexos superestruturais.

Uma das inversões mais comuns na filosofia, nas ciências sociais e no senso comum é a redução antidialética entre *estrutura* e *função* (Goldmann, 1978) e, por conseguinte, “todo-estrutural-funcional” e *historicidade*. Um dos grandes modelos ideológicos com base em uma inversão teórica é o organicista, uma forma anistórica de compreensão das inter-relações entre totalidade e particularidades, pensada tal qual o funcionamento de um organismo. Este processo se dá pela indistinção (uma maneira de ser das inversões) entre estrutura e historicidade, entre objetividade assujeitadora e objetivação de sujeitos ativos. Como disse Mészáros:

A ‘orientação antropológica’ sem historicidade genuína (...) não passa de mistificação, quaisquer que sejam os determinantes sócio-históricos que possam ter provocado seu surgimento. A concepção ‘orgânica’ da sociedade,

por exemplo, segundo a qual todo elemento do complexo social deve atender à sua ‘função adequada’ – isto é, uma função pré-determinada pela natureza, ou pela providência divina, de acordo com um rígido padrão hierárquico – é uma projeção a-histórica e invertida das características de uma ordem social estabelecida sobre um suposto organismo (...) que deveria ser o ‘modelo natural’ de toda sociedade. Grande parte do funcionalismo moderno é, *mutatis mutandis*, uma tentativa de liquidar a historicidade. (MÉSÁROS, 2006, p. 43)

Como veremos mais a baixo, a *alienação* é a inversão real, da qual se referenciará todas as formas de consciência alienada, incluindo as ideologias. A ideologia é um objeto que por si só deve ser sempre repensado, *mutatis mutandi*, como uma forma histórica, já que esta depende do desenvolvimento histórico de sua função na totalidade social e, por isso, sua forma deve ser pensada como um *devir*, mesmo que o objeto ideológico apareça como um fenômeno, isto é, estático. Para compreender a atualidade da ideologia, em suas várias facetas hoje, devemos observar que o conceito de ideologia deve ser pensado como um conceito histórico em pelo menos dois sentidos: um é em relação ao tempo histórico em que se vive, com suas peculiaridades e inteligibilidade própria de seu tempo (sem incorrer num relativismo historicista) e o outro é a ideia lukacsiana e marxiana, também desenvolvida por Kosik, de que o conceito não é estático, está contido num modo de ser da consciência – que é histórica, portanto dinâmica – ao mesmo tempo assumindo formas não cotidianas, que extravasam tal instância do ser social.

Mas o fato de ser histórico não diferencia as ideologias orgânicas hoje das formas mais rígidas e entranhadas do passado. A ideologia deve ser pensada como uma força aparentemente estável, ou com a aparência de algo absolutamente estável, isto é, a desistoricização é um elemento da ideologia, como demonstrará Mészáros (2009), indissociado da naturalização das aparências.

Se a aparência é estável, e se a essência é a algo que não muda. Lessa pode confirmar esta afirmação a partir de Lukács.

(...) se a essência for a-histórica, o locus da historicidade só pode ser a esfera fenomênica. Instala-se, deste modo, uma verdadeira antinomia: sendo o fenômeno a essência que se mostra, e sendo a essência a-histórica, a historicidade do fenômeno só pode se constituir a partir de uma «queda» da essência ao se transformar em fenômeno. (LESSA, 2001, p. 1)

Assim, podemos entender o marxismo como única forma sistematizada de consciência capaz de reconstruir racionalmente – no sentido hegeliano do monismo realidade/racionalidade – uma *inter-relação de uma consciência da alienação e da historicidade* (MÉSZÁROS, 2006). E o ponto comum entre todas as teorias que buscam uma ontologia é a questão da “natureza humana”³, conceito metafísico quando não pensado a partir do ponto de vista iniciado por Vico – mesmo que, segundo Mészáros (1996) este não tenha influenciado nenhum outro pensador – e desenvolvido por Hegel, mas apenas devidamente compreendido a partir de Marx e Engels; ponto de vista da historicidade.

3- “FALSA CONSCIÊNCIA” E O MÉTODO DE MARX E ENGELS

Há uma velha polêmica que normalmente soa-nos como uma Torre de Babel academicista, a qual passa pela discussão bastante inútil sobre se há em Marx uma concepção positivista – sem que os polemicistas não pensem em sua maioria sob este mesmo viés – quando este trabalha com a ideia de *falsa consciência*, termo encontrado em a *Ideologia alemã*. Propomos aqui não entrar nesta polêmica, a partir de uma investigação atinente apenas ao texto supracitado – que parte da polêmica, mas tem outro objetivo: a legalidade da particularidade atual da ideologia – mas, propomos um estudo aproximativo da totalidade da obra de Marx.

De forma apenas aproximativa, e respeitando o espaço deste pequeno ensaio, após passar brevemente pela teoria da alienação de Marx, tentaremos chegar à categoria *reificação* para compreendermos a “essência” aparente (ou “pseudo-continuidade”) da forma fenomênica, cujo conteúdo real é o reino da necessidade, mas que conserva propriedades reflexivas permanentes. Não a partir da discussão desenvolvida no clássico e singular livro *História e Consciência de Classe*, do primeiro Lukács (dialético-idealista) após sua opção pelo bloco do proletariado, mas partindo diretamente do próprio Marx, através de uma leitura inspirada em Mészáros e no próprio Lukács dialético-materialista.

Mesmo não aceitando o reducionismo positivista de que “*falsa consciência*” seria um conceito gnosiológico e que sua “crítica” trataria de retificar uma ilusão dos sentidos, optamos pela formulação “*consciência invertida*”. A opção por “consciência invertida” não é apenas uma mera formalidade. É resultado de uma preocupação acerca de uma cara confusão conceitual. “*Falsa consciência*” é problemático por duas razões: 1- o termo é em si ambíguo

³ [A] questão ontológica fundamental é: o que está de acordo com a ‘natureza humana’ e o que constitui uma ‘alienação da essência humana’? Essa pergunta não pode ser respondida a-historicamente sem ser transformada numa mistificação irracional de algum tipo. (MÉSZÁROS, 2009)

e; 2- como as determinações socioculturais são históricas e constituem-se como tendências reflexivas do complexo *relações de produção* – a partir de um necessário desenvolvimento das forças produtivas – e, no século XX, desde o período entreguerras, o neopositivismo constituiu-se como força ideológica sistematizada central, mesmo no marxismo, inclusive posterior ao da II Internacional, produzindo uma hegemônica interpretação positivista da obra de Marx, no período o qual Löwy chama de *segundo eclipse do marxismo*, também conhecido como estalinismo.

Na *Ideologia alemã* Marx e Engels, com certa ambiguidade, fazem uma crítica imanente à cultura nacional atrasada em relação às tendências históricas, mas que, no entanto, era instrumentalmente capaz de penetrar nas mais profundas abstrações humanas. Tal ambiguidade fica inerte ou restrita a uma crítica roedora dos ratos, já como reflexo do isolamento de Marx e Engels na vida intelectual acadêmica da Alemanha, estendendo-se para uma ausência na cotidianidade da organização da classe, após a derrota de 1848. Entre este episódio e o aprofundamento dos estudos de economia política feitos por Marx, o que se produz de influência deste autor reduz-se a ideias que o próprio Marx ocupa-se em desqualificar, quais estão condensadas na amarga *Crítica ao Programa de Gotha*, contra os lassalianos e Lassale. O retorno de Marx, já no quarto quartel do século XIX, tem como consequência uma leitura positivada da II Internacional, com o *primeiro eclipse do marxismo*.

Ao reformularmos a complexa história do marxismo, desde Marx, Engels, Lassale e toda a história da II Internacional, chegando a Gramsci e Trotsky, percebemos que a obra de Marx que influenciou tais tradições (exceto obviamente pelos dois primeiros) fora lida de trás pra frente; e mesmo o Lukács que mais influenciou o pensamento marxistas, não-marxistas e antimarxistas do século XX, *História e Consciência de Classes*, que fora contemporâneo aos autores dialéticos e aos vulgarizadores da obra de Marx e Engels da Internacional Socialista. Mais do que os Manuscritos de Paris, a obra chave para desvendar o nó górdio causador de duas leituras proficuamente dialéticas sobre o conceito de ideologia é a *Ideologia Alemã*.

A obra que critica a “ideologia” alemã – ideologia ali é praticamente sinônimo de cultura alemã – não trata diretamente do fenômeno *ideologia* como entendemos hoje a partir do método do materialismo histórico, mas é o marco central, totalmente desconhecido, juntamente com as *Teses contra Feuerbach*, da própria formulação do método criado por Marx e Engels, o qual submetemos as crítica das várias concepções da ideologia, bem como a própria crítica da ideologia em sua atualidade e em seu desenvolvimento histórico. Devido ao caráter crítico do método – e crítico no sentido lukacsiano (NETTO, 1981) de análise não de um texto em um sentido trans-histórico, muito menos anistórico, mas como análise consciente

das determinações do real –, o que é inerente ao método marxiano-engelsiano, a noção de ideologia em sentido negativo ou a o caminho metodológico de Marx sempre perpassa por uma profunda crítica imanente do discurso e do contexto sócio-histórico, possibilitando reconhecer a intrincada dialética entre obscurecimento funcional e revelação das próprias tendências apagadas pelos fetiches.

4- ALIENAÇÃO, REIFICAÇÃO E IDEOLOGIA – HÁ HISTORICIDADE NOS FENÔMENOS?

Lessa (2011) afirma que, segundo Lukács, a ontologia marxiana tem como elemento metodológico central uma ruptura com a ontologia burguesa, que define como natureza humana o próprio homem burguês, onde a *historicidade* estaria dada anteriormente ao decaído processo que desembocaria necessariamente – ou teleologicamente – na realidade atual. Neste sentido, defendido por Hegel, a *historicidade* é uma necessidade passada e, a partir do Estado moderno a Razão teria se totalizado.

Marx percebe em Hegel uma ideologia, no entanto tal ideologia em nada tem a ver com ilusão dos sentidos, muito menos com um erro grosseiro, intencional ou com base num autoengano. Seguindo a pista de Iasi (2009), podemos atribuir a concepção de Hegel acerca da *alienação* o nó górdio que emperra a lógica hegeliana ao considerar a história como algo já definido e o trabalho como pura ação ideal de objetivação/externação. Isto é, a teleologia em Hegel seria uma inversão idealista, mas que em certa medida expressa uma inversão real, onde sociedade civil e indivíduo burgueses e o Estado moderno capitalista apareceriam como um fim, que na verdade seria um princípio. A história é um percurso compreendido apenas *aposteriori*, e a historicidade teria uma finalidade imanente, um motor natural.

Hegel está falando de uma sociedade cujo poder das coisas aparece como um poder sobre-humano, ou talvez fosse melhor dizer: supra-humano. Pois bem, a ideologia burguesa, em seu ápice, como base da ideologia alemã – pré-burguesa em seu conteúdo real, mas herdeira de uma tradição iluminista – está de fato referenciada numa realidade, cuja forma fenomênica esconde as determinações desta realidade. O ser que se produz a si mesmo à medida que é capaz de transpor os limites imediatos da sobrevivência, ou dito de outra forma, o ser que transforma a natureza, que em cada momento de sua longa relação com esta transcende-se a si mesmo; em uma palavra, o ser que trabalha, hoje e na época de Hegel, na sociedade burguesa, é cada vez mais dominado por um poder coisal e tal poder encobre o verdadeiro sujeito da história. Neste sentido, Hegel, o maior de todos os filósofos do mundo burguês, constrói seu sistema a partir de uma consciência imanente, subsumida em sua época,

portanto seu apego à burocracia, ao Estado, à ideia (para ele, Ideia), aos avanços da Revolução Francesa (em sua juventude) e sua inversão acerca da teleologia, onde a objetividade está na história e não no conflito homem/natureza é o espelhamento de uma inversão e não uma inversão da realidade pela ausência de elementos lógicos.

Mas, voltando ao que nos trouxe a Hegel (sabendo do desafio que é falar de qualquer autor monumental), o conceito de alienação trabalhado por este pensador, como dito acima, é problemático, mas não contraditório com seu redondo sistema. Mas é na resposta de Mauro Iasi a uma entrevista feita por mim que percebo o quão caro é a crítica de Marx à categoria hegeliana, que segundo Mészáros (2006) acompanha toda a obra marxiana. Afirma Iasi:

Existem, pelo menos, três dimensões distintas que foram traduzidas pelo termo francês alienação: *objetivação* (*Vergegenständigung*), *externação* (*Entäusserung*) e *estranhamento* (*Entfremdung*)

(...)

Para Hegel toda objetivação que produz uma manifestação externa, objetiva, se distancia e acaba se apresentando como estranha ao sujeito. Para Hegel o sujeito, o espírito absoluto, é universal e suas formas de existência, as *externações* materiais, são sempre particulares, daí o estranhamento. Para Marx, ainda que concorde com Hegel sobre a dialética da objetivação e da externação como próprias do ser humano, na verdade como fundamento da ontologia do ser social através do trabalho, afirmará que nem toda objetivação é estranhamento, mas que isso se produz por uma certa forma histórica de sociabilidade que é a sociedade capitalista produtora de mercadorias. (IASI, 2009 b. p. 2)

Marx desenvolve o conceito de alienação a partir do problema posto pelo sistema do capital, que em outras palavras é o sistema da generalização da forma mercadoria como uma forma histórica da alienação, universalizado, que tende a substituir as próprias relações pessoais por uma reprodução de uma não relação, pensando em termos da subjetividade humana, que são as trocas entre coisas, mediadas por uma burocracia, um Estado, um tipo de indivíduo nômade, por um poder coisal, que aparece aos olhos dos homens como a própria essência destes.

5- INVERSÕES PRÁTICA, CONSCIÊNCIA INVERTIDA E REIFICAÇÃO

É comum no marxismo vulgar confundir ideologia como um epifenômeno da “economia”. Tal leitura tende a identificar as formas superestruturais com uma superfície não

dialética do “ser”, que nessa concepção seria a própria história. Além desta simplificação há uma particular aversão duma variante não dialética do marxismo, com base em Louis Althusser, considerando a alienação um conceito ideológico, num sentido pejorativo, mas num sentido gnosiológico, oposto estranha à dialética marxista.

Mas para refazer o caminho que justifica a nossa opção pelo conceito de “consciência invertida” e não o superficial e ambíguo “falsa consciência”, seguimos a pista de Mészáros, que em seu livro *Estrutura social e formas de consciência – a determinação social do método*, o autor nos indica o momento lógico em que ficam claras as delimitações de cada uma dessas categorias, distinção possível apenas através da identificação ontogenética do próprio capitalismo moderno, onde ocorre uma síntese histórica entre a *alienação* como característica das sociedades de classe, a generalização universalizadora da *forma mercadoria* e a sua consequente *reificação das relações humanas*, como uma tendência totalizadora, que se aprofunda apenas no século XX. A categoria histórica ontogenética de Mészáros que trata deste momento é a *igualação*, a partir da qual podemos compreender os fenômenos das *inversões práticas*, base real das *inversões teóricas* e das ideologias.

A partir deste estudo da ontogênese da reificação, resultante social da igualação e do fetiche, em uma palavra, uma abstração real que iguala tudo transformando o fruir, o gozo, as relações intersubjetivas e o consumo em geral em coisas trocáveis entre si. Segundo Marx⁴, bem no início de *O capital: é precisamente a abstração de seus valores de uso que caracteriza evidentemente a relação de troca das mercadorias* (MARX, 1987, p,167). Esse processo repete-se incessantemente, num processo de coisificação (reificação) das relações. Tal coisificação é resultado de uma submissão do trabalho concreto ao capital, tornando-se uma igualdade ou uma indiferenciação, à medida que o trabalho se socializa (universaliza) e seu controle se privatiza (particulariza).

Segundo o próprio Marx:

(...) na medida em que esse trabalho concreto, a alfaiataria, funciona como mera expressão de trabalho humano indiferenciado, possui ele a forma da

⁴ Marx aprofunda seu estudo de economia política, a partir dos primeiros estudos registrados em seus manuscritos parisienses, mas desenvolve com mais profundidade uma teoria sobre a categoria *mercadoria*, que no capitalismo se transforma numa dialética historicamente particular entre *valor de uso* e *valor de troca*, como um imperativo da produção de valor, a partir da universalização da categoria mercadoria. Mas é na *Contribuição à crítica da economia política* que Marx empreende sua primeira contribuição definitiva sobre a forma mercadoria e o que Mészáros chama de “igualação” histórica, uma inversão abstrato-redutora. Em nosso próximo ensaio desenvolveremos um aprofundamento deste tema levantado pelo filósofo húngaro, a partir de um estudo da totalidade do pensamento de Marx. Mas, uma pista que chamou-nos atenção é, o subtítulo do capítulo sobre a “mercadoria”, na “Contribuição...”, qual seja: “Resenha histórica da análise da mercadoria”. A princípio, chamaremos este momento lógico e histórico de ontogênese das inversões práticas, base de toda e qualquer ideologia orgânica do capitalismo.

igualdade com outro trabalho, o trabalho contido no linho, e é, portanto, ainda que trabalho privado, como todos os outros, trabalho que produz mercadorias, por conseguinte, trabalho em forma diretamente social. Por isso mesmo, apresenta-se ele num produto que é diretamente trocável por outra mercadoria. É, portanto, uma terceira peculiaridade da forma equivalente que trabalho privado se converta na forma de seu contrário, trabalho em forma diretamente social. (MARX, 1987, p. 186)

Sem romper com a teoria da alienação e as categorias fetiche da mercadoria e reificação, a ideologia é um elemento constante que fixa a sociedade cindida em classes em um constante processo de naturalização através de inversões práticas, que hora mantém-se ligados à produção de mercadorias (*consciência invertida*), ora é um complexo de formas de apassivamento, político. O termo o qual preferimos, *consciência invertida*, possui elementos que induz a observância de elementos positivos – matriz funcional das ideologias orgânicas⁵ – sua gênese e seu movimento de cristalização, naturalização, re-funcionalização – bem como a elementos de *pseudoconcreticidades* (KOSIK, 1986), como formas já cristalizadas da consciência.

Esta linha de raciocínio encontra-se em parte na concepção, que Lukács nos legou, de consciência de classe. Mas ele nos faz também repensar a questão da dialética liberdade/necessidade no âmbito da consciência individual, quando desde a sua primeira crítica de HCC, *Meu caminho para Marx*, revê criticamente suas influências, atrelando-as a sua visão de mundo, compreendendo o movimento desta sob determinações externas e crises internas, fazendo uma crítica da ideologia a partir da crítica de sua própria personalidade, rompendo com certa rigidez da consciência adjudicada.

O jovem Lukács – como ficou conhecido o crítico literário húngaro, até a década de 1910, que passou por caminhos dos mais diversos para chegar até o marxismo – já no

⁵ Cabe notar que não partimos aqui da concepção gramsciana de “ideologia orgânica”, a qual, segundo o autor, distingue-se das *ideologias arbitrárias* ou *desejadas*. *Ideologia orgânica*, no sentido em que estamos atribuindo, é pensada não somente em relação ao seu vínculo de classe, mas como uma categoria superestrutural que vincula-se diretamente com a dinâmica da reprodução social ampliada do sistema do capital, sendo algumas destas formas de consciência invertida – cuja funcionalidade em última instância tem como referência a dominação – vinculadas aos interesses diretos das burguesias ou frações burguesas, mais especificamente, as ideologias que permitem a máxima extração e valorização do valor objetivamente possível e ideologias orgânicas em sentido mais político, que muitas vezes atrelam-se tão-somente aos vínculos de poder, nem sempre burgueses e nem sempre de classes, mas relacionada ao objeto de estudo dos teóricos das elites, cuja redução ultragenrealizadora deve ser criticada, mas devemos levar em conta uma contradição, em certos casos, as lutas entre frações de estratos sociais médios seguem uma dinâmica que reproduz indiretamente seus vínculos de classe. Vide o interessante debate sobre hegemonia às avessas e outras interpretações sobre o transformismo do Partido dos Trabalhadores nas últimas décadas.

imediatamente pós-primeira guerra, com seus ensaios sobre *consciência de classe, reificação etc.*, oferece a todos os seus sucessores, inclusive aos demais Lukács (s) uma vantagem: uma leitura de Marx através de um rigor de quem conhecia com profundidade filósofos como Kant, Hegel e Kierkegaard, mantendo por alguns frutíferos anos contato pessoal intelectual de influência mútua com fundadores de uma das correntes da sociologia como Weber, Simmel, além das ricas e quentes polêmicas entre Rosa e Lênin. Assim, herdamos todos de Lukács de *História e Consciência de Classe (HCC)*, a noção de que a consciência é compreensível em seu aspecto objetivo, adjudicado – desde que não separado mecanicamente da subjetividade humana – desenvolvendo também a noção hegeliana-marxiana de que a consciência é algo que se movimenta, o que o autor perceberá como algo vinculado a uma raiz social, dando ao mesmo tempo elementos teóricos basilares para a compreensão de duas categorias mestras em Marx e Engels: *classe social e consciência invertida*.

Além do HCC, em 1933, Lukács escreve um texto, de caráter documental e autocrítico, que juntamente com o prefácio da edição alemã de 1967 daquele, serve como um verdadeiro exemplo do movimento necessário da consciência de qualquer indivíduo. Sendo o caso desse filósofo, um esforço e um feito bastante raro, de fazer uma autocrítica objetiva do movimento de sua consciência, isto é, da parte mais sistematizada de sua subjetividade. Bastante revelador ler da tinta do próprio autor que está sendo analisado a afirmação que se segue: *a confusão nem sempre é caos. Ela contém tendências que, embora algumas vezes possam reforçar temporariamente as contradições internas, movem-na, em última análise, para a sua resolução*. (LUKÁCS, 2011, p.5)

A crise pela qual passa Lukács no período da Primeira Guerra (NETTO in Novos Temas, 2014) o possibilitou romper com uma classe – em termos não só de “ponto de vista”, mas posição consciente –, romper com uma perspectiva epistemológica (da escola de Hildeberg), mas também de mais adiante compreender o caminho – não como *démarche* puramente filosófica, mas como enraizamento social – para alcançar uma concepção metodológica que lhe permitisse compreender a *concreticidade* das variadas particularidades do ser social e sua dialética com o universal deste mesmo (MÉSZÁROS, 2009).

História e Consciência de Classe (HCC), como todos sabemos, é um livro no mínimo polêmico. No mínimo porque sua polêmica é uma polêmica rica e portadora de tendências – rigorosamente, contratendências – que refletem uma universalidade em termos de sistema do capital, ao mesmo tempo uma série de idiosincrasias – tratados aqui como espécie de singularidade num sentido psicológico –, uma particularidade, no sentido de desvendar uma forma de dialética típica de sociedades alienadas – pois em última instância, a separação

sujeito/objeto é um processo coirmão do processo da exploração do homem pelo homem. Em HCC ocorrem confusões que expressam as respostas idiossincráticas de Lukács, mas a tensa dialética particularidade/universalidade, em casos excepcionais produz lampejos de singularidades profícuas, como a clareza de pensar as particularidades classe social e suas frações, no capitalismo, como a própria mediação central para compreender ao mesmo tempo a história e a consciência de indivíduos sociais de classe – apesar de o autor enfatizar a consciência particular de classe em contraposição às consciências individuais psicológicas (idiossincráticas). Esta ideia de que a consciência é marcada pela complexa relação entre posição e “ponto de vista” de classe é algo que inspirou toda uma geração de sociólogos, como Goldmann⁶ e Manheim.

Mas há um elemento central na história do pensamento marxista que criou uma polêmica a partir de leituras das mais variadas de HCC. Estamos falando aqui da categoria marxiana *reificação*. Podemos dizer que há no mínimo três caminhos para desvendar tal ideia. E que dos três podemos extrair elementos de verdade. Quais sejam: a leitura de Adorno e Horkheimer, a leitura dos situacionistas, a destacar a figura genial e um tanto enigmático de Guy Debord e a leitura do próprio Lukács, já em sua fase definitiva, da dialética materialista.

A linha de pensamento que exploraremos a partir daqui será a seguida por Lukács, a partir de uma releitura do Marx do *Capital* e da *Contribuição à crítica da economia política*, após conhecer e estudar profundamente os manuscritos (de Paris e *A ideologia alemã*), contra o Lukács de HCC. Esta preocupação está nos estudos de José Paulo Netto, de onde partiremos para contribuir na compreensão das formas de consciência e a sua atualidade, que implica na compreensão das funções das ideologias; o que não é a mesma coisa.

Vejamos antes uma citação do livro deste pensador intitulado *Capitalismo e reificação* (NETTO, 1981)

O fetichismo que Marx conceptualiza depois de 1857-1858 consiste precisamente nisto: é através dele que os processos alienantes emergentes na sociedade burguesa constituída têm a peculiaridade de se concretizar em projeções substantivas objetuais – redundam na reificação das relações sociais. (...) é situar a reificação [coisificação] posta pelo fetichismo, como a estrutura específica da alienação que se engendra na sociedade burguesa constituída. (NETTO, 1981, p.80)

⁶ Este desenvolve todo um método, chamado por ele de “estruturalismo genético”, capaz de identificar tanto as formas de consciência que correspondem ontogeneticamente a cada classe, grupo ou fração de classe e a “consciência limite” diretamente inspirada em História e Consciência de Classe, de Lukács.

A *reificação* é um processo universalizante, característico do capitalismo tardio, neste sentido uma particularidade na história humana, no entanto, ela é uma singularidade histórica se confrontada com outras formas de alienação. Podemos dizer que à medida que a alienação torna-se global, a partir da indiferenciação entre os indivíduos, levando-se em conta sua função e a tendência de uma impossível uniformização total – aspecto obsessivamente investigado por Adorno, onde vemos certo redencionismo, com base numa dialética por demais idealista deste autor –, mas por outro lado, também há uma concreta tendência de ampliação da alienação do homem em relação a si mesmo, em níveis perigosamente avançados.

Neste sentido, para atualizarmos a crítica da ideologia devemos levar em conta este elemento historicamente dado. A reificação generalizada, segundo Netto, fenômeno sócio-cultural do capitalismo tardio, deve ser compreendida como um pressuposto, tanto em seu aspecto objetivante quanto subjetivante. Isto é, a *coisificação das relações* existe tanto como uma atualidade estendida da alienação do ser social, que no mundo do trabalho está subsumido nas formas de ideologias orgânicas do capital, como o toyotismo, e o taylorismo, mas também nas novas – e cínicas – expressões do liberalismo e do racismo, quanto nas suas totalidades sócio-econômicas das quais estas são formas de expressão funcionais: as variantes nacionais desiguais e combinadas do capitalismo real.

Esta reificação crescente é uma tendência e esta tendência é uma resultante necessária da alienação a partir do processo chamado por Mészáros de *igualação*, transformação de qualidade (uso, fruição...) em mercadoria, troca crescentemente requerente pela necessidade de o capital transformar todas as formas materiais ou imateriais, úteis ou fúteis, em uma força misteriosamente avassaladora, a mercadoria.

6- ELEMENTOS INERENTES À IDEOLOGIA, SUA CONTINUIDADE E SUA PSEUDO-CONTINUIDADE

Três autores centrais para compreender o pensamento de Marx, mas que vão além deste, no sentido de desvendar, a partir do método marxiano, a lógica do capitalismo de seu tempo, em nosso ponto de vista são: Lukács, Gramsci e Mészáros. Segundo Lukács e sua tradição ontológico-materialista, a função social de um complexo superestrutural condiciona uma ideologia. A partir de uma leitura de Gramsci, o que em certa medida também se

manifesta no pensamento de Lucien Goldmann⁷, a penetrabilidade de certas ideias nas variadas camadas sociais diferenciam-se imanentemente como visão de mundo e transcendentemente como mobilizador de corações e mentes. Entretanto, uma ideologia pode ser orgânica de duas maneiras distintas: 1- uma ideologia pode ser orgânica no sentido atribuído por Gramsci, de organizadora ou solvente dos elementos identitários de uma classe social e 2- uma ideologia pode ser orgânica de forma difusa na sociedade, devido ao seu caráter intrinsecamente atrelado ao padrão de acumulação. Neste último sentido, autores como David Harvey e I. Mészáros nos proporcionam algumas chaves para compreender seu *modus operandi*.

Assim, nossa hipótese, levando em conta tais contribuições destes marxistas dialéticos, é que a ideologia em seu aspecto positivo possui alguns elementos centrais, que não podem deixar de existir, quais seriam: a) a *função social*; b) sua *penetrabilidade nas mais variadas camadas sociais*; c) sua organicidade perante a realização do valor d) sua organicidade perante a fusão/dissolução da consciência da classe social do proletariado.

Esta *igualação* (MÉSZÁROS, 2009) produz a figura do indivíduo atomizado, que não obstante depende cada vez mais das formas societárias da “vida econômica”. Este indivíduo particular (histórico) se opõe cada vez mais a individualidade singular (única). A igualação reificadora é uma equiparação abstrata de coisas e trabalho abstrato, subordinando cada vez mais o valor de uso ao valor de troca para oferecerem ao mercado. É o pressuposto lógico e histórico para a reificação, que é uma expressão social do fetichismo da mercadoria.

7- O TOYOTISMO E O EMPREENDEDORISMO, FORMAS DE (RE) DIFERENCIAÇÃO NO REINO DA INDIFERENÇA

O processo de crescente *reificação* tem como base a *alienação*, que é um processo objetivo e subjetivante. Arrisco afirmar que, com tal tendência do capitalismo a este movimento de reificação, quantificação ou igualação, a economia política vai deixando de operar como uma explicação da lógica do funcionamento do capitalismo e passa a operar com a lógica manipulatória da salvação do capitalismo, visto a insofismável tendência a crises, que por mais que se dê explicações morais ou místicas, e por esta razão todo esforço ideológico

⁷ Lucien Goldmann foi aquele que buscou a mais séria tentativa de criar uma sociologia dos pontos de vista, sem recair num relativismo histórico ou neokantiano. Cabe aqui algumas citações que expressam sua preocupação de sociologizar a ideologia sem cair nas polaridades ciência/senso comum, ciência/ideologia: “O conhecimento que um ser tem de si mesmo não é ciência mas consciência. Não há uma sociologia conservadora e sociologia dialética, mas uma consciência de classe, burguesa ou proletária.” (GOLDMANN, 1978); “Se a filosofia é mais do que uma simples expressão conceitual das diferentes *visões de mundo*, além de seu *caráter ideológico*, traz também certas verdades fundamentais concernentes às relações do homem com os outros homens e dos homens com o universo.” (idem).

passa por uma necessidade – não única, mas basilar – de diminuir ao máximo o risco para o capital e direcioná-lo para o trabalho, o que veremos abaixo com o breve exemplo do “empreendedorismo”.

Podemos afirmar com bastante assertividade que o individualismo é a ideologia mais profundamente enraizada e por isso a mais requisitada pelo capital, quando é necessário repensar estrategicamente formas de mistificação ou naturalização do modo de ser requerido mais ou menos “automaticamente” pelas variantes nacionais e históricas do sistema do capital. Mézáros (1996) afirma que todas as estratégias do capital são ideológicas posto que ideologia para o autor seria, em poucas palavras, numa consciência prática, onde se encerram conflitos sociodinâmicos. Neste sentido, as determinações do real estruturante das relações sociais como base real histórica do *desenvolvimento global do sistema capitalista* (MÉSZÁROS, 2009, p.36), é cada vez mais autoreprodutor. E esta reprodução se dá na medida em que as relações humanas são mediadas por relações estranhas às vontades individuais, se pensarmos os indivíduos em seu aspecto singular. Este sempre renovado processo *prevalece nos próprios intercâmbios materiais e, ao mesmo tempo, encontra suas equivalências conceituais mistificadoras no nível da teoria filosófica e social* (Idem). Neste sentido, a ciência e o senso comum nas sociedades industriais, não só são expressões da alienação, como também re-produzem seus instrumentos ideológicos como mediações necessárias para a reprodução capitalista.

Se hoje encontramos em todas ou quase todas as instituições formas redutoras das relações humanas como formas interessadas ou engajadas em uma vida de crescimento constante (sabe-se lá do quê), se, em outras palavras, as ideologias funcionais ao que Harvey (2013) chama de *padrões de acumulação*, mas também levando em conta as variantes nacionais destes, como *modos de regulação* (idem), esta nos parece uma resposta ambígua a uma dupla tendência. O Toyotismo e o empreendedorismo podem ser pensados como resposta aos limites do capital de convencer a classe dos produtores diretos e os demais trabalhadores de que há uma saída individual, mas esta apenas pode existir caso o engajamento seja incorporado pelos outros. Isto é, tanto o empreendedorismo quanto o toyotismo são formas cínicas de ideologias orgânicas do capital, pois se o primeiro formalmente incita os indivíduos a serem indivíduos egoístas e cinicamente éticos, no toyotismo, o discurso segue à lógica de que o grupo, a empresa e a sociedade como um todo seguem uma lógica harmônica, com base na grande empresa, que é uma abstração, ora correspondente a um mercado interno enxuto e produtivo, ora significa qualquer iniciativa que necessite de uma atitude de engajamento de equipes, mas ao mesmo tempo é uma tentativa de destruir a ideia de homem-gorila, incapaz

de ter iniciativas em nome do “interesse comum” entre empresa e indivíduo. Ou seja, o toyotismo pensa no engajamento do indivíduos nos grupos, nas equipes, nas empresas, cinicamente apelando contra um comportamento “de mandada”, associado a um egoísmo de indivíduos que pouco se importam com o “social”.

Ambas as ideologias são contratendências mistificadoras de uma das tendências mais profundas do capitalismo, desde o seu nascedouro: a indiferenciação⁸, condição necessária para que o *trabalho* se reduza ao *trabalho abstrato*, manifestando-se como *valor de troca*. Marx começa sua *Contribuição à crítica da economia política* com o capítulo sobre a *mercadoria*⁹. Após examinar a diferença, já demonstrada por Aristóteles entre o valor de uso e o valor de troca, o autor prossegue analisando o quanto as relações de trabalho e expõe sua descoberta, que será a base para compreender a objetividade da fantasmagoria do fetichismo e seu retorno nas relações humanas na forma de reificação.

8- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos, assim, afirmar que o processo crescente de reificação, como forma tendencialmente (des) subjetivante de dissolução de laços humanos, através de uma indiferenciação dos trabalhadores diretamente no mundo do trabalho, mas também no momento do consumo – onde alguns despossuídos dos meios de produção vivem cotidianamente de forma não mediada pelo mundo da produção – resvalou para formas ideológicas organicamente referenciada da valorização do valor. Isto é, ideologias que dialogam quase que diretamente com formas desejantes de auto-realização, numa era onde a autobiografia sartreana é uma nostalgia do século XX, lançam mão de formas “mitomórficas” (análogas ao mito) e pseudo-religiosas (intencionalmente apelativas a uma realidade dividida entre salvação e perdição).

Em nossa compreensão, o empreendedorismo, as ideologias do eu e mesmo o toyotismo possuem um elemento central em comum: a auto-imputação como resposta à transformação de indiferenciação reificante em indiferença alienadora/desumanizante. Mesmo arriscando parecer um mero jogo de palavras, tal processo inclusive é uma das bases

⁸ Na *Contribuição a crítica da economia política*, Marx afirma: “ O valor de troca aparece primeiramente como relação quantitativa na qual os valores de uso são permeáveis. Em tal relação, esses valores constituem uma magnitude idêntica de troca. (...)”

⁹ Segundo Carcanholo (MARX, 2007), neste livro onde Marx apresenta o esboço dos capítulos mais basilares de *O Capital*, desenvolve, mais do que neste, uma teoria sobre o trabalho, já esboçada nos *Manuscritos de Paris*, que ali, consegue fazer nexos entre o valor de troca e a produção de mercadorias, através da submissão do trabalho ao capital, na forma de *trabalho abstrato*.

semânticas dos significantes discursivos e das justificativas ideológicas como a celebração da redentora e ideologicamente digerível “diferença”. O brinquedo de palavras é mais um reflexo da necessidade de produzir consciências que observam a desigualdade sob o prisma da estetização e relativização do sofrimento de si e do outro. Mas este já é um outro tema, que apenas esbarra em nossa preocupação. Como Mauro Iasi tem demonstrado há algum tempo, a ideologia não é só um véu que encobre a realidade, enuviando as mentes, este é um dos aspectos secundários da ideologia, pois a ideologia para nós marxistas revela as contradições do real, por esta razão, cabe indagar: a auto-imputação revela uma tendência de desagregação entre indivíduos ou uma dissolução de alguns laços que o capitalismo sedimentou? Ou será que não é esta a abertura que possibilita uma reorganização da classe ao negar valores capitalistas?

BIBLIOGRAFIA:

- COUTO, Hellington. *A atualidade do conceito de ideologia: função social e medium de hegemonia*. Dissertação de conclusão de curso. Mestrado no PPESS-UFRJ, 2011.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. S. Paulo, Loyola, 2013.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol.2 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GOLDMANN, Lucien. *Ciências humanas e filosofia – o que é sociologia?* Itu: Difel, 1978.
- IASI, Mauro. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão popular, 2007.
- _____. *Entrevista concedida pelo professor doutor Mauro Luis Iasi da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro ao estudante do Mestrado do Programa de Pós-Graduação da ESS-UFRJ Hellington Chianca Couto em Junho de 2009b*. [não publicada]
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- LESSA, Sérgio. *Notas sobre a historicidade da essência em Lukács*. Disponível em <www.monografias.com> Acesso em: 15 out de 2015.
- LÖWY, Michael. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. Tr. Juarez Guimarães e Suzanne Felício. São Paulo: Buscavida, 1987.
- _____. *Ideológica e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista*. São Paulo, Cortez, 1985.
- _____. *A evolução política de Lukács: 1909-1929*. São Paulo: Cortez, 1998.
- LUKÁCS, George. *História e consciência de classe*. Martins Fontes, 2008.

- _____ *Para uma ontologia do ser social*. Vol. II. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____ *Socialismo e democratização. Escritos políticos, 1956-1971*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.
- MARX, Karl *O Capital – Livro I. O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo. O Capital – Crítica da Economia Política*. São Paulo. Editora Abril, 1987.
- _____ *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo Expressão Popular, 2008.
- _____ *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo editorial. 2004.
- _____ *O capital. Crítica da economia política*. Vol I , livro primeiro, O processo de produção do capital. Tomo I, Prefácio de capítulos I a XII. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MÉSZÁROS, Istvan. *Estrutura social e formas de consciência. A determinação social do método*. Paulo: Boitempo, 2009.
- _____ *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- _____ *O poder da ideologia*. São Paulo: Ensaio, 1996.
- NETTO, José Paulo. *Capitalismo e reificação*. São Paulo. Cortez, 1981.
- _____ *Lukács: tempo e modo*. Revista NOVOS TEMAS (O pensamento marxista contemporâneo). São Paulo: Instituto Caio Prado, 2014.